

NÍVEL INICIAL DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA SOB UMA VISÃO DIALÓGICA

Victor Ernesto Silveira Silva¹

RESUMO

No presente artigo, pretende-se relacionar o conceito de dialogismo constitutivo da linguagem proposto por Bakhtin com as habilidades linguísticas da auto avaliação dos aprendizes de língua inglesa dos níveis A1, segundo o Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas.

Palavras-chave: dialogismo, nível de proficiência A1, linguagem, língua estrangeira.

Em Linguística Aplicada um dos campos mais profícuos é o da pesquisa em Língua Estrangeira, tanto a respeito da aquisição quanto dos métodos de ensino, isto por que umas das especificidades da Linguística Aplicada é o estudo da língua no processo de interação entre os falantes, ou seja, o estudo que focaliza a linguagem do ponto de vista processual (LOPES, 1996). Para tanto, o pesquisador em Linguística Aplicada fundamenta-se em uma teoria de uso da linguagem conveniente aos objetivos do seu estudo. A hipótese Inatista de aquisição de linguagem, desenvolvida por Chomsky, por exemplo, orientou os linguistas aplicados na reestruturação de métodos de ensino de língua estrangeira que na época vigoravam.

Os antigos métodos de ensino, por sua vez, possuíam vínculo com a psicologia behaviorista (o que demonstra o caráter “interdisciplinar” (LOPES, 2002) da Linguística Aplicada) de modo que o ensino era regulado pelo condicionamento e pela criação de hábitos. Na década de 70, a ideia de competência desenvolvida por Chomsky serviu de base para o sociolinguísta Dell Hymes conceber o termo Competência Comunicativa, e desta vez, os aspectos sociais, desfavorecidos pelo pensamento chomskiano, se tornam relevantes no processo de estudos sobre a língua (SILVEIRA, 1999).

Partindo da postura social introduzida por Dell Hymes, Canale e Swain levaram o conceito de competência comunicativa para o âmbito do ensino de Língua

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens - Universidade do Estado da Bahia. E-mail: vesscorp@yahoo.com.br

Estrangeira, subdividindo-a em quatro categorias: Competência Gramatical, Competência Discursiva, Competência Sociolinguística e Competência Estratégica (BROWN, 1993). A partir deste momento, divulgou-se a abordagem comunicativa como método de ensino de língua estrangeira, o qual parece predominar atualmente na maioria dos projetos pedagógicos das escolas onde há ensino de língua inglesa, nomeadamente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira para Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) e Médio (BRASIL, 2000).

Ultimamente a proposta bakhtiniana para o funcionamento da linguagem tem se destacado em muitos trabalhos acadêmicos em quase todos os campos de estudos de linguagem. Bakhtin é um filósofo da linguagem relativamente recente nas Américas, as suas ideias foram divulgadas a partir do final da década de 60, apesar de terem sido concebidas no fim da década de 20 (FIORIN, 2008). Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin critica o tratamento à linguagem como era comum na época: pela visão objetiva de Saussure e pelo subjetivismo individual de Vossler e outros linguistas (BAKHTIN, 2004).

Para Bakhtin, o estudo do funcionamento da linguagem não poderia se concentrar somente no sistema linguístico ou somente na manifestação individual da língua. Na percepção bakhtiniana a língua é constitutivamente dialógica não havendo predominância do sistema sobre a manifestação da língua (a fala), nem da individualidade sobre o sistema abstrato da linguagem (BAKHTIN, 2004). O dialogismo de Bakhtin não se restringe aos estudos de funcionamento da linguagem, mas orienta uma filosofia também voltada para a Antropologia e Literatura (FIORIN, 2008)

Em *Linguística Aplicada*, a exemplo de *Beliefs in dialogue. A bakhtinian view*, de Dufva, 2003, o modelo teórico de funcionamento da linguagem proposto por Bakhtin, é o suporte com o qual o pesquisador investiga as crenças no ensino e aprendizado de Língua Inglesa.

No presente artigo, pretende-se relacionar a concepção dialógica de funcionamento da linguagem proposta por Bakhtin às habilidades linguísticas da auto avaliação dos aprendizes de língua inglesa do nível A1, segundo o *Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas*.

O Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas é uma “base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 19), o qual fornece descrições detalhadas sobre metodologias e abordagens de ensino e aprendizado de línguas de forma a homogeneizá-los em todo o território europeu. O *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* delinea as habilidades e competências do aprendiz de línguas em seis níveis: A1 (*Breakthrough/ Iniciação*), A2 (*Waystage/ Elementar*), B1 (*Threshold/ Limiar*), B2 (*Vantage/ Vantagem*), C1 (*Effective Operational Proficiency/ Proficiência Eficaz*) e C2 (*Mastery/ Maestria*). A abordagem linguística de ação deste conjunto de métodos leva em conta a utilização da língua dentro dos mais variados contextos da vida cotidiana. Tal abordagem se fundamenta nos conceitos de competências comunicativas em língua, atividades linguísticas, processos linguísticos e estratégias de desempenho de tarefas (linguísticas).

O uso de uma língua abrangendo a sua aprendizagem inclui as ações realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como actores sociais, desenvolvem um conjunto de *competências* gerais e, particularmente, *competências comunicativas em língua*. As pessoas utilizam as competências à sua disposição em vários contextos, em diferentes *condições*, sujeitas a diversas *limitações*, com o fim de realizarem *atividades linguísticas* que implicam *processos linguísticos* para produzirem e/ou receberem textos relacionados com *temas* pertencentes a *domínios* específicos. Para tal, activam as *estratégias* que lhes parecem mais apropriadas para o desempenho das *tarefas a realizar*. O controlo destas ações pelos interlocutores conduz ao reforço ou à modificação das suas competências (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 29, grifos do autor).

Percebe-se a ideia de língua em uso real, atendendo às necessidades comunicativas dos falantes nos mais diversos contextos sociais, em outras palavras, o *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* parte de uma visão de uso da língua que envolva a impossibilidade da dissociação entre língua e contexto social; considerando as adaptações que os interlocutores devem promover no uso da língua partindo das situações reais de comunicação. Tal concepção leva em conta o interlocutor (o aprendiz de língua) como um indivíduo atuante em detrimento ao aprendiz passivo o qual é exposto a um ensino de língua estrangeira que focaliza o estudo do conteúdo formal, portanto abstrato, da língua. A abordagem adotada pelo *Quadro Comum de Referência para Línguas* se aproxima do que Bakhtin propõe:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 2004, p. 121).

Assim Bakhtin afirma a importância da interação social para o funcionamento da língua, corroborada pela abordagem adotada pelo *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas*.

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin constrói uma teoria de funcionamento de língua que em nenhum momento trata da relação de dialogismo e a aquisição de língua estrangeira. A aquisição de língua estrangeira aparece na obra como forma de exemplificar um evento excepcional na comunicação:

O critério de correção só se aplica a enunciação em situações anormais ou particulares (por exemplo, no estudo de uma língua estrangeira). Em condições normais, o critério de correção linguística cede lugar ao critério puramente ideológico: importa-nos menos a correção da enunciação do que o seu valor de verdade ou de mentira, seu caráter poético ou vulgar, etc. (BAKHTIN, 2004, p. 95-96).

Bakhtin discute a correção como “critério puramente ideológico” uma vez que a correção em si não é importante, mas a ideologia que sustenta e promove a correção.

Rod Ellis (1997), ao citar a hipótese da interação proposta por Michael Long, aponta que a correção é um aspecto determinante para o progresso da aquisição de língua estrangeira, já que ao demonstrar a evidência negativa do erro linguístico um dos interlocutores proporciona a apreensão das formas corretas. Ainda assim, existem várias especulações a respeito da função da correção no processo de aquisição de língua estrangeira, o que a torna um dos aspectos mais complexos dos métodos de ensino e aprendizado (BROWN, 1993).

Em outro momento Bakhtin trata da “sinalidade” e da “descodificação” e, neste embate, o filósofo emprega a aquisição de língua estrangeira como exemplo:

No processo de assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a “sinalidade” e o reconhecimento, que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua. A assimilação ideal de uma língua

dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão (BAKHTIN, 2004, p. 94).

Há a oposição entre “descodificação” e o “reconhecimento de uma forma linguística”, a qual se inscreve numa crítica que o filósofo faz aos estudos altamente normativos da linguagem. Não se deve considerar a identificação de formas linguísticas como processo de decodificação. Segundo Fiorin (2008), as unidades da língua são neutras e mantêm relações lógicas e semânticas entre elas. Enquanto formas a serem identificadas possuem um significado fechado e não promovem a relação com outros enunciados, de modo que não refletem os contextos nos quais estão inseridas. Bakhtin trata da forma linguística como “sinal”:

(...) só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável) (BAKHTIN 2004, p. 93).

O caráter imutável do sinal é oposto ao signo que é elemento da decodificação. O signo é o enunciado, que, independentemente de dimensão, tem caráter dialógico já que é a réplica a um diálogo; é uma manifestação da linguagem que se liga a outros enunciados precedentes e procedentes e que adquire a significação dentro do contexto da elocução, Fiorin (2008). Para Bakhtin (2004), a decodificação é a compreensão; a decodificação é o processo que caracteriza a língua viva e funcional, pois envolve a formulação de contra palavra. E este processo nada mais é do que o dialogismo na linguagem.

Fiorin (2008) separa três conceitos de dialogismo na obra bakhtiniana, o primeiro (o qual é o mais interessante para a relação aqui proposta) deles enfoca o funcionamento real da linguagem: “a língua em sua totalidade concreta, viva em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica” (FIORIN, 2008, p. 18). Segundo este autor, o dialogismo é as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados, de modo que todo enunciado é perpassado pelo enunciado do outro, ou seja, o discurso alheio. Por esta razão, para Bakhtin, o estudo objetivo da língua, tal qual Saussure propunha e até mesmo a noção de fala dentro da teoria linguística saussuriana, eram insuficientes para entender o funcionamento da língua já que desconsideravam a concretude dos

contextos e as necessidades dos falantes enquanto indivíduos pertencentes a uma dada comunidade e/ou situação social:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (...) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade a norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto (BAKHTIN, 2004, p. 92).

Em outras palavras, o locutor não se preocupa com a norma da língua ou com o uso correto das palavras, ele, na realidade, busca significar seu enunciado dentro do contexto no qual ele vai precisar utilizá-lo, assim, as significações variam de acordo com os contextos, uma vez que “O sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN, 2004, p. 106).

Até agora se pode concluir que, para o filósofo russo, as palavras não podem ser consideradas separadas de um contexto. O sentido das palavras se determina pelo dialogismo, caso contrário, o processo de compreensão (decodificação do signo) não passa de identificação de sinais. As frases e palavras quando tratadas de forma estanque serão unidades da língua, as quais não permitem o dialogismo que é constitutivo da linguagem (FIORIN, 2008); ou seja, o reconhecimento de um sinal como forma familiar em nada caracteriza uso concreto da língua.

Sendo assim, um aprendiz de língua estrangeira, cujo nível de proficiência seja o suficiente para traduzir certas palavras ou presumir o sentido de expressões, está em um grau de identificação de sinais. Os níveis iniciais da auto avaliação de proficiência do *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* descrevem este tipo de capacidade no que concerne a compreensão oral e leitura:

Compreender		
Compreensão do Oral		Leitura
A1	Sou capaz de reconhecer palavras e expressões simples de uso corrente relativas a mim próprio, à minha família e aos contextos em que estou	Sou capaz de compreender nomes conhecidos, palavras e frases muito simples, por exemplo, em avisos, cartazes ou folhetos.

	inserido, quando me falam de forma clara e pausada.	
--	---	--

Quadro 1: Auto avaliação da habilidade de compreensão em língua estrangeira Fonte: Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

A habilidade de reconhecer as palavras e expressões simples, sobretudo relacionadas ao próprio falante ainda com a condição de serem ditas pausadamente e claramente, em muito se assemelha com o que Bakhtin trata como forma de identificação de sinais. O ato de identificar uma palavra como termo familiar porque foi ouvida anteriormente ou lida em algum texto no processo de pura tradução não caracteriza uso efetivo de uma língua, pois, como afirma Bakhtin (2004, p. 93): “É impossível reduzir-se o ato da decodificação ao reconhecimento de uma forma linguística utilizada pelo locutor como forma familiar, conhecida”. É neste aspecto que Bakhtin insere a assimilação da língua estrangeira. Para ele, como exposto anteriormente neste texto, a língua estrangeira só se percebe idealmente assimilada quando o processo de decodificação suplantar o reconhecimento da palavra.

Segundo Bakhtin, os sinais (ou a forma reconhecida como familiar) não dizem nada mais do que são. O sinal não solicita a resposta e sem a promoção da resposta a dialogização é impedida, visto que o enunciado “se constitui em relação aos enunciados que o precedem e o sucedem na cadeia da comunicação” (FIORIN, 2008, p. 32). Enquanto o aprendiz limitar suas habilidades linguísticas em língua estrangeira a identificar as palavras como traduções ou formas conhecidas a língua não foi realmente assimilada de forma concreta e viva, já que o dialogismo é a condição necessária para o funcionamento da linguagem.

Portanto, pode-se concluir que, sob a abordagem bakhtiniana de funcionamento da linguagem, os indivíduos no nível A1 (segundo o *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas*) não possuem a capacidade suficiente para comunicar-se em língua estrangeira. Em um primeiro olhar, parece óbvio esta constatação uma vez que o nível A1 é o primeiro na classificação de proficiência em línguas no Quadro de Referência, entretanto, um grande número de aprendizes de língua inglesa (incluindo professores) nem sequer chega à classificação A1.

Torna-se imperativo a identificação do nível de proficiência dos futuros professores de língua inglesa antes mesmo da inserção destes nos sistemas de ensino. Se as habilidades linguísticas da maioria dos profissionais não atingirem os níveis mais

avançados do que o A1, então, se tem uma grande massa de professores propagando um ensino deficiente, o qual vai refletir num aprendizado precário e que perpetua o “círculo vicioso que engrossa a debilidade escolar” (ALMEIDA FILHO, 1992, p. 78).

O ideal é evitar a introdução de profissionais mal estruturados no universo de trabalho, buscando reconhecer as deficiências nos cursos de formações de professores por meio da classificação de proficiência e, assim, avaliar as competências e habilidades suficientes para o sucesso do professor de inglês. Já se sabe, enfim, que o nível A1 é precário de conhecimentos linguísticos, no entanto, uma pesquisa envolvendo todos os níveis descritos no *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* e a visão bakhtiniana de funcionamento da linguagem pode, possivelmente, elucidar qual nível de proficiência fornece subsídios consistentes para o trabalho do professor de inglês.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *O professor de Língua Estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização linguística*. In: Revista Contexturas, vol. 01, N. 01 (p. 77-85), São Paulo: APLIESP, 1992.

BAKHTIN Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2004

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: parte I: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, DF: Secretaria de Educação, 2000.

BROWN, H. Douglas. *Principles of language teaching*. 3 ed. New Jersey, United States of America: Prentice Hall Regents, 1993.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum De Referência Para As Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Coleção: Perspectivas Actuais/ Educação Edições Asa. Dez. 2001, Porto: Portugal.

DUFVA, Hannele. *Beliefs in dialogue: a bakhtinian view*: In: KALAJA, P. BARCELOS, A. M. F. (orgs.). *Beliefs about SLA: New Research Approaches*. Dordrecht: Kluwer, p. 131-151, 2003.

ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática. 2008.

LOPES, Luiz & PAULO, da Moita. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. 4 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SILVEIRA, Maria. Inez M. *Línguas Estrangeiras – uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. Maceió/São Paulo: Catavento, 1999.

INITIAL LEVEL OF PROFICIENCY IN A FOREIGN LANGUAGE IN A DIALOGICAL VIEW

ABSTRACT

This article presents a relationship between the dialogism from Bakhtin and the linguistic abilities of the self assessment of the foreign language learners in the level breakthrough in proficiency (A1) according to the Common European Framework of References for Languages.

Keywords: dialogism, proficiency level a1, language, foreign language.